

# CHICO BENTO

## O MENINO SEGUNDO O CORAÇÃO DE DEUS

Existe alguma coisa especial no Chico Bento. Algo que o faz diferente dos demais personagens de Maurício de Sousa. Vivendo longe da turma do Mônica, o menino da roça habita um universo muito real. Esse caipira, inspirado num tio-avô de Maurício, pode ter estatura e idade próximas de Mônica, Cebolinha, Cascão e Magali. Mas é só isso. Chico Bento não passa os dias pensando em planos infalíveis, futebol, guloseimas ou brincadeiras de criança.



O dia do Chico Bento é bem movimentado.

Como todo filho de agricultores, ele tem que conciliar suas obrigações com a casa e com a escola. Chico trabalha, ajuda os pais. Cuida dos animais, limpa o pasto, busca água, colhe a plantação, capina o mato, ara a terra, planta... Faz de tudo da lida na roça. Quando não está cumprindo suas responsabilidades, vai para a escola. E na escola sempre vai mal. Não consegue aprender, talvez porque não consiga se concentrar, sempre cansado. Talvez porque tenha dificuldades de aprendizado, mesmo.

E se o Chico Bento não está no campo nem na aula, sobra um tempo para ele fazer coisas de criança da roça - nadar no rio, cochilar à sombra do pomar, roubar fruta do vizinho ou namorar.

Quando a noite chega, o Chico dorme cedo, porque não tem televisão nem computador, brinquedos ou livros para ler. Cansado, pega no sono. E torce para não ter vontade de ir ao banheiro – porque na casa dele, o banheiro fica do lado de fora, na casinha. É, a família do Chico Bento não tem saneamento básico, muito menos luz elétrica. Também não recebem dinheiro do bolsa-escola, bolsa-família ou bolsa-gás-de-cozinha.

Num trocadilho infame, nem bolsa para levar os cadernos à escola o Chico tem.



Talvez seja por tudo isso que o Chico não interaja com o universo da Mônica e seus amiguinhos. O Chico não é de mentira, ele vive na realidade.

E nessa realidade, o Chico Bento sofre. Maurício de Sousa já contou uma triste história sobre a irmãzinha do Chico, que morreu ainda bebê. É de partir o coração. Uma história de sofrimento, como tantas outras que a gente conhece por aí, nessa vida de carne e osso.



Vendo assim, dava até para entender se o Chico não fosse uma criança boa.

Ele podia ser revoltado com o mundo, insatisfeito com essa condição de miséria que a família e os vizinhos enfrentam há anos. Ele podia desistir de estudar, desiludido com suas notas baixas e sua falta de crescimento. E podia também “jogar o chapéu”, largar mão dessa labuta da roça e subir no primeiro ônibus rumo à cidade grande, em busca de melhores oportunidades para o seu futuro. Um “basta” geral.

Mas o Chico aprendeu que nada vai ser perfeito, jamais.

Ele sabe que erra todo dia, que é mentiroso, preguiçoso e mal aluno. Sabe que é cheio de situações mal resolvidas dentro de si: “posso roubar para matar minha fome?” ou ainda “porque desperdiçar um dia tão bonito na escola, ao invés de nadar no rio?”. E sabe também que faz escolhas erradas. Se não soubesse, não iria atrás do padre se confessar, pedindo perdão. Assim, ele aprendeu que todo dia lhe oferece a chance de ser alguém melhor.

Chico não quer um boletim escolar cheio de nota dez, para entrar numa universidade. Ele só quer aprender o que a professora ensina e ganhar a média para passar de ano. Um dia ele vai conseguir um diploma, ao menos.

O Chico sabe que a gente não deve tratar mal os animais, mas também compreende que eles são necessários no ciclo da vida. Ninguém deve fazer maldade para as galinhas; mas na hora da fome elas vão para a panela. É assim na roça. Lá o povo não cria bicho para ocupar o lugar das crianças. O bicho é amigo até a hora do aperto, quando pode virar comida.

Em seu livro “*Como os pinguins me ajudaram a entender Deus*”, Donald Miller lembra da palestra de um professor de comunicação, sobre o poder da metáfora. O palestrante perguntou em quais metáforas o público pensava quando o tema era câncer.

Miller lembra que as respostas eram basicamente no gênero “*nós combatemos o câncer*” e “*nós lutamos contra o câncer*”.

“A maioria esmagadora das metáforas indicadas por nós era de metáforas de guerra. Elas tinham a ver com batalha. Ele então começou a falar sobre pacientes de câncer e de como, por conta das metáforas bélicas, muitas pessoas que sofrem de câncer sentem um fardo maior do deveriam. A maioria delas está mais assustada do que precisa e isso afeta sua saúde. Algumas, achando que foram lançadas em uma guerra mortal, simplesmente desistem. (...)”

Que metáforas usamos quando pensamos em relacionamentos? “Nós valorizamos as pessoas”, gritei eu. (...) “Nós investimos nas pessoas”, acrescentou outra pessoa. E logo tínhamos uma longa relação de metáforas econômicas. “Os relacionamentos podem falir”, dissemos. “As pessoas não tem preço”, dissemos. Sempre metáforas econômicas. Fiquei chocado.”

As necessidades são tratadas como recursos financeiros. O amor vira moeda.

E o Chico Bento? O Chico não tem dinheiro, não tem mesada, não tem salário. O Chico não barganha os relacionamentos porque não tem essa relação com o dinheiro. Não troca o amor, não investe nas pessoas, não faz uma economia de tempo.

Age quando é possível e dá vontade. Ama e obedece quando não existe mais nada que se espere daquele momento. Entrega-se ao ócio porque sabe que a contemplação é parte da vida.

Por último, não é raro ver o Chico Bento ajoelhado, rezando. Seja diante de uma onça, seja diante do vizinho de quem roubou as goiabas, seja do lado cama, antes de dormir, à luz de uma vela. O Chico sabe da importância de falar com Deus e O conhece. Não é da missa, não é do sermão. O Deus que o Chico conhece é apresentado para ele no bom relacionamento com as pessoas, na criação e no perdão.

Sim, o Chico Bento é o menino segundo o coração de Deus.



[www.deusnogibi.com.br](http://www.deusnogibi.com.br)